

TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PROFESSORES

Elivânia Oliveira Barbosa

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Terezinha Camargo Magalhães

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

RESUMO: O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurológico que tem início na infância e perpetua-se até a idade adulta, provocando a desatenção, a impulsividade e a hiperatividade. O objetivo deste estudo foi relatar as experiências dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental que lidam com alunos acometidos pelo TDAH em sala de aula. Trata-se de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa realizada a partir de uma entrevista semiestruturada com cinco professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental do município de Riacho de Santana-BA. A coleta dos dados conduziu a uma análise de conteúdo temática. Os resultados indicaram que os professores conhecem o TDAH, sabem definir os sintomas e conseguem identificar o aluno acometido por esse transtorno. Existe muita afetividade entre professor e aluno na sala de aula, e isso ajuda na superação dos desafios existentes. Os seus conhecimentos influenciam na melhoria da qualidade da relação professor/aluno. O estudo conclui que a busca incessante pelo conhecimento desse assunto por parte dos professores contribui para uma melhor atuação firmada pela relação direta entre evolução e saberes.

PALAVRAS-CHAVE: Aluno. Professor. TDAH.

Introdução

Este estudo faz parte de uma pesquisa maior intitulada “Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade: concepção de professores”, atendendo à chamada do Edital 026/2018 da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), fomentando bolsas para pesquisadores de Iniciação Científica.

O Transtorno do Déficit de atenção e Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico com início na infância e pode persistir até a fase adulta, de modo a comprometer o funcionamento da pessoa em vários setores de sua vida DSM-5 (2014).

Nessa compreensão, uma pesquisa realizada por Rossi e Rodrigues (2018), em duas escolas do Estado de São Paulo, constatou que poucos professores têm informações sobre

TDAH, já que apenas 6% dos 39 professores entrevistados acertaram as questões referentes a esse transtorno. Outra pesquisa realizada por Landskron e Sperb (2018), em escolas do interior do Rio Grande do Sul, apresenta resultados semelhantes em relação à concepção dos professores sobre o referido transtorno. Para Landskron *et al.* (2018) “a percepção dos professores sobre o transtorno é individualizante, patologizante e o conhecimento inconsistente”. Por sua vez, Silva, Cardoso e Miranda (2017), realizaram uma pesquisa em escolas públicas e particulares em Salvador e obtiveram que “os resultados mostravam o desconhecimento e o despreparo dos professores para lidar com o aluno que apresenta os comportamentos típicos do TDAH na sala de aula”, bem como ressaltaram os sentimentos de impotência, intolerância e incapacidade vivenciados pelo professor.

De acordo Barkley (2008, apud COLS, 2015), um dos mais importantes e mais comuns domínios comprometidos pelo TDAH na vida de crianças é o funcionamento no ambiente educacional. Assim sendo, mais crianças portadoras desse transtorno têm recebido serviços em escolas públicas. Porém, pesquisas recentes revelaram que falta o conhecimento dos professores acerca da temática, já que Amaral (2013) relata que se vê a necessidade de conhecer a formação do profissional que atua com inclusão especificamente do aluno com TDAH, entendendo que os docentes carecem de formação continuada que os embase nesse assunto, cujas concepções fazem-se em falsos conhecimentos científicos e conduzindo-os a meras condições para atender a essa demanda.

Diante dessas lacunas, é importante indagar: Quais as experiências dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental com alunos acometidos com TDAH em sala de aula? Diante desse questionamento, procuramos desenvolver a presente pesquisa com o objetivo de apresentar as experiências dos professores que convivem com alunos com TDAH no dia-a-dia da sala de aula, ao tempo em que serão relatadas as suas vivências docentes.

Pressupostos teóricos/abordagens sobre o TDAH

O TDAH é um transtorno do desenvolvimento da perda do autocontrole que consiste em problemas com o período de atenção, controle do impulso e o nível de atividade (BARKLEY, 2008). Assim, o TDAH é um transtorno neurobiológico que afeta diversas partes do cérebro, frequentemente causa falta de atenção, desinteresse, inquietude, impulsividade, dentre outros comportamentos indesejáveis. De acordo o DSM-5 (2014), transtorno mental é uma síndrome caracterizada por perturbação clinicamente significativa na

cognição, na regulação emocional ou no comportamento do indivíduo, que reflete uma disfunção nos processos psicológicos, biológicos ou de desenvolvimento subjacentes ao funcionamento mental.

Assim posto, entendemos que a pessoa com TDAH tende a apresentar manifestações comportamentais que carecem do autocontrole, prejudicando sua forma de vida. Ademais, na atualidade, com o avanço tecnológico e da medicina podemos observar que o transtorno vem sendo estudado há oito décadas, na busca de soluções para quem sofre com suas as consequências e busca interferir para que ele não se desenvolva de forma tão agressiva, possibilitando à criança levar uma vida normal tanto quanto o possível.

Muitos analistas sociais constroem a história do TDAH como aquela dos distúrbios produzidos pela era dos excessos de informação, do consumo material desenfreado e sem sentido, da cultura somática, das identidades descartáveis, da perda da autoridade da família, da igreja e do Estado. (CALEMAN, 2010, p. 48-49).

Corroborando essa ideia, entendemos que há muitos pensamentos formados acerca do TDAH, mas não se tem uma certeza sobre o que, de fato, desencadeia os comportamentos indesejáveis os quais levam a pessoa a ter um sofrimento psíquico.

Características do TDAH

O TDAH é composto por três características básicas como a desatenção, a hiperatividade e a impulsividade. Com base no DSM-5 (2014), a desatenção pode ser percebida pela presença de comportamentos como cometimento de erros por descuido e, em caso de estudantes, há a incapacidade de terminar o dever de casa e o costume de perder os livros os com frequência.

De acordo o DSM-5 (2014), a hiperatividade interfere no comportamento da criança, uma vez que ela frequentemente agita as mãos ou os pés ou remexe-se na cadeira, abandona a sua cadeira em sala de aula ou em outras situações nas quais se espera que permaneça sentada, corre ou escala em demasia nas situações em que isso é inapropriado, tem dificuldade para brincar ou envolver-se silenciosamente em atividades de lazer, parece estar sempre “a mil” por hora ou muitas vezes age como se estivesse “a todo vapor”.

Ainda de acordo o DSM-5 (2014), a impulsividade define-se em atitudes impensadas e repentinas, pois a criança, com frequência, dá respostas precipitadas antes da pergunta ter sido concluída, tem dificuldade para aguardar a sua vez, interrompe ou intromete-se na conversa

dos outros. Assim, a hiperatividade e a impulsividade incluem a inquietação, a falta de paciência e a loquacidade.

Com efeito, a leitura das obras de diversos autores que se debruçaram nesse assunto, dentre eles Faraone, Rohde, e Ralphen, permitiu-nos entender que o TDAH é uma das principais causas de procuras ambulatoriais de saúde mental de crianças e adolescentes (FARAONE *et al.* 2000 *apud* ROHDE; HALPEN, 2013).

Desse modo, como aborda Barkley (2008), o aumento da procura ambulatorial para atender a essa demanda tem influenciado muito a indústria farmacêutica no tocante à produção de medicamentos que auxiliam no acompanhamento desse transtorno. Assim, a indústria farmacêutica tem adquirido altos rendimentos com a oferta de medicamentos que supostamente amenizam as manifestações do TDAH, porém a demasiada procura tem influenciado na diminuição da busca por outras formas de controlar o transtorno.

Ainda nessa linha de pensamento, Cypel (2007) explica que é possível observar a hiperatividade mesmo na criança ainda pequena, como em bebês que choram muito, apresentam dificuldades para dormir, são inquietos e somente o colo pode acalmá-los, ou atacam aos seios com voracidade ao serem amamentados, os quais podem ser alvos de tal diagnóstico.

Nesse contexto, Silva (2003) afirma que os sintomas da hiperatividade podem apresentar-se de duas formas: física e mental. Na hiperatividade física, a criança mostra-se agitada, não consegue ficar quieta e, por isso, move-se constantemente em casa, na sala de aula e em outros ambientes que frequenta. Assim sendo, a hiperatividade física tem se manifestado de forma mais freqüente nas crianças que estão inseridas na escola de modo a intensificar o trabalho dos psicopedagogos com as crianças nessa situação.

Para Matos (2005), os portadores de TDAH apresentam dificuldades em conseguir administrar projetos de longo prazo ou finalizar os projetos iniciados, entretanto, podem ser caracterizados também como indivíduos intuitivos com senso de humor e criatividade.

Desse modo, compreendemos que a pessoa com esse transtorno possui habilidades, que devem ser valorizadas pelo professor em sala de aula, pois, serve de instrumento para controlar a inquietação, equilibrar as ideias e o pensamento acelerado.

Diagnóstico

De acordo o DSM- 5 (2014), o diagnóstico de uma criança com TDAH é identificado quando ela experimenta seis ou mais apresentações clínicas de desatenção e/ou seis ou mais apresentações clínicas de hiperatividade durante um período de menos de seis meses. Para maiores de 17 anos, pelo menos, cinco apresentações clínicas são necessárias para o diagnóstico, observando-se que a criança frequentemente deixa de prestar atenção a detalhes ou comete erros por descuido em atividades escolares de trabalho ou outras, tem dificuldade de manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas, parece não escutar quando lhe dirigem a palavra, não segue instrução nem termina os seus deveres escolares, tarefas domésticas ou deveres profissionais, tem dificuldade para organizar tarefas e atividades, não se envolve em tarefas que exigem esforço mental constante, perde coisas necessárias para realizar tarefas ou atividades, é facilmente distraída por estímulos alheios à tarefa e apresenta esquecimento em atividades diárias. Ainda com base no DSM-5 (2014) as apresentações clínicas devem aparecer antes de 12 anos de idade, acontecendo em dois ou mais contextos (escola, trabalho, casa, vida social).

Na busca por diagnosticar o TDAH em crianças, é necessário realizar exames terapêuticos, entrevistas com os pais e com os professores, pois as crianças nem sempre conseguem fazer um relato preciso acerca do seu comportamento (COUTINHO *et al.* 2009).

Ademais, além da obtenção de tais fontes de informação, é preciso avaliar o ambiente de convívio da criança, buscando perceber as possíveis causas do transtorno a partir do que é vivenciado por ela, como aborda Coutinho *et al.* (2009, p.88): “estudos demonstram que a correlação entre relatos de pais e professores é apenas modesta e informantes, apresentam melhor relato quando se referem a comportamentos restritos ao seu ambiente de origem”. Dessa forma, compreendemos que a pesquisa acerca desse transtorno deve ser realizada numa classe de estudantes, pois ganha maior credibilidade quando os professores são entrevistados, uma vez que são eles quem detém as melhores informações acerca do comportamento de suas crianças.

Não será possível determinar uma causa que poderá ter desencadeado o TDAH numa criança na idade escolar, já que, para Rotta (2006) o primeiro diagnóstico geralmente é feito nas escolas, local em que os profissionais da educação identificam a falta de interesse expressiva da criança, falta de atenção nas atividades desenvolvidas nas escolas, inquietude e impulsividade.

O TDAH no contexto educacional

De acordo Barkley (2008), os comportamentos relacionados ao TDAH implicam o baixo desenvolvimento educacional das crianças afetadas por esse transtorno, já que o seu comportamento dificulta a relação professor e aluno, uma vez que a falta de atenção e a inquietação persistem no momento da aplicação de conteúdos e na exigência das atividades pedagógicas prescritas pelo professor.

Dessa forma, ao lidar com alunos com TDAH é necessário que o professor crie estratégias que despertem interesse e garantam a atenção sem deixar perder-se pelos movimentos oriundos do ambiente. Nesse sentido, Barkley (2008) afirma também que, apesar do sucesso do controle farmacológico do TDAH em ambientes escolares, as intervenções psicoeducacionais têm um papel importante, as quais, em doses suficientemente intensivas, produzem melhoras significativas nos sintomas, o que pode levar a uma necessidade menor de medicação ou a doses menores no ambiente escolar.

O trabalho pedagógico com TDAH

Reconhecemos que é necessária uma formação continuada dos professores para lidar com alunos acometidos pelo TDAH em sala de aula, para que eles possam adquirir conhecimentos científicos a partir de uma rica abrangência teórica referente a essa temática, de modo a poderem agir com compreensão e conhecimento de causa, favorecendo um trabalho de inclusão e jamais de segregação.

Amaral *et. al.* (2013 p. 1) esclarecem que o desempenho escolar, principalmente nos alunos com TDAH, apresenta uma estreita relação com as práticas dos professores em sala de aula, tornando-se desafiadora, pois exige mudança de atitude e de postura em relação ao aluno, além de uma busca contínua por novas metodologias e técnicas de ensino adequadas. Nogueira e Pilão (2008 p. 19) afirmam que: “o vínculo que um professor construtivista deve estabelecer com seus alunos privilegia a construção do conhecimento como um todo”, assim o professor proporciona condições para que os seus alunos enfrentem os desafios existentes a partir de suas limitações. Para isso, é necessário um conhecimento mais abrangente do professor acerca dos transtornos mentais que acometem os alunos, interferindo nos seus comportamentos que venham a dificultar o desenvolvimento de habilidades e aprendizagens.

Partindo desse princípio, Pereira *et. al.* (2004) defendem que o professor tem como finalidade a aprendizagem do aluno, assim deve comprometer-se com o sucesso deste para que seus déficits sejam minoritários ou neutralizados.

Corroborando essa ideia, entendemos que cabe aos professores a tarefa de garantir ao aluno uma formação que lhe propicie o acesso aos conhecimentos socialmente acumulados, bem como a aquisição do autogoverno de forma a capacitar o indivíduo para atuar sobre novas contingências e agir com sucesso em interação com o futuro.

Para Zanotto (2004), os professores necessitam de um vasto conjunto de conhecimentos científicos sobre o mundo físico, social e sobre o comportamento humano de modo a responder de forma eficiente às demandas do portador de TDAH. Sobre isso, observamos que o professor estabelece várias regras para o grupo de alunos, porém questionamos se essas regras valem também para alunos com TDAH?

A vivência do aluno num ambiente familiar é muito importante, pois se reflete diretamente em seu desempenho escolar. Se em casa os pais têm dificuldade em estabelecer normas de condutas, isso pode contribuir para o aumento dos comportamentos inadequados das crianças, principalmente as que as possuem TDAH, pois elas não terão base para nortear, nem consciência sobre a noção de limite por isso, não saberão respeitá-lo em ambiente escolar (CORDEIRO 2011, P.17).

Entretanto, pesquisadores como Landskron (2018) detectou que professores que atuam no interior das escolas não tiveram contribuição da graduação no que concerne à maneira como trabalhar com o aluno com TDAH em sala de aula, bem como não contam com cursos de formação proporcionados pela escola para adquirirem conhecimentos específicos que os auxiliem no atendimento de crianças acometidas por esse transtorno.

Metodologia

Para a realização do estudo empírico classificamos a nossa pesquisa dentro do paradigma interpretativista de abordagem qualitativa, descritiva e do tipo pesquisa de campo.

A pesquisa qualitativa é apropriada para quem busca o entendimento de fenômenos complexos, em profundidade, de natureza social e cultural, mediante descrições, interpretações e comparações (MARCONI; LAKATOS, 2001, 2005). Para Bogdan e Biklen (1994), a expressão investigação qualitativa é um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos

relativamente a pessoas, locais e conversas e: “As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, igualmente, formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural.” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.16).

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno (GIL, 2002). Em boa medida, parte dos dados recolhidos será analisada apenas nessa lógica descritiva, nomeadamente os dados recolhidos através de inquéritos, também denominados como questionários (ALMEIDA; FREIRE, 2010). Ademais, segundo Bogdan e Biklen (1994) esclarecem, toda pesquisa em Educação é descritiva.

A pesquisa de Campo, conforme Gil (2002) procura o aprofundamento de uma realidade específica. É basicamente realizada por meio de questionários que buscam enfocar as atividades do grupo estudado e de entrevistas para captar as explicações e as interpretações do que ocorre numa dada realidade.

Utilizamos uma entrevista semiestruturada, que, para Triviños (1987, p. 146), “tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa”. Essa entrevista foi composta por um roteiro prévio, contendo 13 perguntas, ela foi realizada pela primeira pesquisadora durante o período compreendido entre novembro do ano de 2018 a março de 2019. A entrevista deu-se numa sala da escola destinada para esse fim. A escolha das escolas ocorreu de forma intencional, pois buscou-se relatar as experiências vivenciadas pelos professores e, ao final, as entrevistas foram codificadas em P1, P2, P3, P4 e P5 para manter o anonimato dos participantes

Os participantes deste estudo foram cinco professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental do município de Riacho de Santana-BA, escolhidos pelo fato deles decidirem por unanimidade colaborar com a pesquisa, sendo quatro mulheres e um homem com idades de 28, 42, 45, 49 e 52 anos respectivamente, com formação em Pedagogia e pós-graduados em Psicopedagogia, tendo até três anos de experiências com aluno com TDAH. Esses professores aceitaram participar da pesquisa e fizeram-se presentes na data e hora marcadas, tendo assinado Termo de esclarecimento Livre e Esclarecido. Para atender às questões éticas envolvendo pesquisas com seres humanos, este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas da UNEB de acordo com o Parecer de Número 2.554.899, de 21 de março de 2018. As entrevistas foram codificadas para manter sigilo e confidencialidade dos participantes

Os dados foram avaliados por análise de conteúdo na modalidade temática, que, conforme Bardin (2011, p. 15), “é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento que aplica a discursos conteúdos e continentes extremamente diversificados”.

Resultados e discussão

A partir dos dados obtidos pelas entrevistas, buscamos responder a seguinte questão: quais as experiências dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental com alunos acometidos com TDAH em sala de aula. Nessa perspectiva, tivemos o objetivo de relatar as experiências desses professores no que se refere ao comportamento do aluno e suas relações no dia-a-dia da sala de aula. Para isso, entrevistamos cinco professores aqui identificados como P1, P2, P3, P4, e P5. Para seleção dos dados, optamos pela análise de conteúdo temática que, segundo Bardin (2011), é um conjunto de instrumentos em aperfeiçoamento aplicado a diversos conteúdos. Assim, foi possível a interpretação dos dados junto aos participantes da pesquisa, sob o ancoradouro da interpretação indutiva.

Experiência de professores com aluno acometido por TDAH

Para certificarmos a existência de experiências com aluno que apresenta sintomas do TDAH em sala de aula, perguntamos aos professores: em sua opinião, você convive em sala de aula com alunos que apresentam manifestações que você considera ser Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade? P2 respondeu:

[...] sim, trabalhamos com alunos já sabendo que ele possui esse transtorno. E nossa escola possui uma sala multifuncional, então quando apresenta um comportamento anormal a gente manda pra lá e eles encaminham para o psicólogo e psiquiatra para o diagnóstico.

Desse modo, percebemos que essa professora compreende a importância do diagnóstico para saber lidar com o seu aluno, bem como sabe a importância de profissionais específicos que auxiliam com intervenções que amenizam o transtorno. Para Rotta (2006), após o primeiro diagnóstico, recomenda-se que a criança seja encaminhada para um especialista que aplicará um tratamento mais adequado. “Pois, por muito tempo buscou-se saber se o TDAH tem cura.” Porém, como se trata de um transtorno, o TDAH não tem cura,

apenas o tratamento contínuo e paliativo que ajuda com o acompanhamento psiquiátrico, havendo, se necessária, a prescrição de medicamentos e apoios psicoterapêuticos com psicólogos, psicopedagogos, psiquiatras e pedagogos.

No tocante à prática de ensino do aluno com TDAH, perguntamos: em sua opinião, quais as estratégias pedagógicas que o professor deve utilizar para trabalhar com aluno incluído em sala de aula com TDAH? P4 ponderou: “o estudo sobre o tema, curso de aprimoramento e o planejamento adequado para aquele aluno, com atividades lúdicas, jogos e outros (pausa) e as avaliações sendo feitas dia a dia, atividades para manter o foco.” Não obstante, P1 acrescentou: “sempre procurar atividades que chame atenção do aluno, atividade diferenciada que essa pessoa possa gostar.” Dessa maneira, observamos que ambos fazem jus ao mesmo pensamento em relação ao compromisso de contribuir para o crescimento de seus alunos, como abordam Pereira *et al.* (2004), para quem a finalidade do professor é a aprendizagem do aluno, por isso, deve-se comprometer com o sucesso deste para que os seus déficits sejam minoritários ou neutralizados. Partindo desse princípio, reconhecemos nesses professores o papel de mediador na construção do conhecimento e preparo para a vida social, pois, de acordo Garrido, Rubro e Ferrer (2014), “de modo geral, alunos com TDAH são mais propensos a enfrentar problemas acadêmicos, dificuldade de aprendizagem e rejeição social entre os colegas”. Assim, a frequência e a veracidade de manifestações decorrentes no contexto escolar dificultam a dinâmica da sala de aula e prejudicam a aprendizagem dos alunos.

Ademais, esses professores fazem jus a uma prática detentora de conhecimentos, o que possibilita agir com intervenção no processo de desenvolvimento do aluno com TDAH, pois, conforme Guarnieri (2005, p.12), “considerando-se a relação teoria-prática, nota-se que a prática mediatiza a relação do professor com a teoria, o que implica um movimento de superação, de adesão acrítica às teorias e aos modismos pedagógico”. Além disso, o autor acrescenta que a teoria media a relação do professor com a prática, possibilitando o movimento de superação de uma visão indutivamente pragmática do trabalho docente.

Sintomas do TDAH em alunos inseridos na escola

Para identificar os sintomas de hiperatividade/impulsividade apresentados pelo aluno com TDAH perguntamos: quais os sintomas que o aluno apresenta? Nesse quesito, P4 argumentou:

Esses alunos apresentam características diferentes que qualquer professor poderá observar. A menina ficará mais recantada e o menino será aquele que não te dá sossego. Porém, ainda tem a confusão de o aluno ser ativo ou hiperativo. Porque alguns professores não possuem conhecimento e acabam rotulando o aluno com hiperativo, sendo que ele é apenas ativo. E no caso da hiperatividade a aluna ficará mais recantada, sossegada no canto dela, passiva, se distrai rápido, viaja no horizonte, nas avaliações ela terá fracasso por conta da falta de atenção. E o menino não presta atenção, meche com todos na sala de aula, toda hora quer sair da sala de aula.

Por sua vez, P5 apontou: “inquietação, desatenção e ansiedade”; P3 pontuou: “falta de atenção, é uma criança que gosta de isolamento, tem dificuldade na organização dos materiais”. A partir dessas implicações e com base na fala de P3, essas experiências justificam que a desatenção leva o aluno a perder objetos com facilidade, como aponta Barkley (2008). As crianças com TDAH perdem os seus materiais escolar com facilidade e têm dificuldade para encontrar as coisas que elas mesmas guardaram, são desatentas nas atividades da escola e do seu cotidiano. Ainda com relação aos sintomas serem mais agravantes no sexo masculino, como abordou P4, foi possível notar a prevalência do transtorno nos meninos mais do que nas meninas, sendo assim, ressaltamos que a maior parte da literatura sobre TDAH é tradicionalmente voltada para o gênero masculino, pois em tese, somariam 80% dos portadores. No entanto, no decorrer de alguns anos, pesquisadores têm despertado a atenção para a expressão do transtorno para homens e mulheres, sendo que, segundo Kaplan *et al.* (2003), essa proporção pode variar de 3.1 a 5.1; para Cantwell, Biederman *et al.* (1996), as meninas seriam subdiagnosticadas porque têm poucos sintomas de agressividade/impulsividade e baixas taxas de transtorno de conduta, desse modo, a idade diagnóstica tende a ser mais avançada em relação aos meninos. Segundo Lesnovski (2013), os meninos apresentam mais sintomas de hiperatividade do que as meninas.

Ainda sobre a frequência dos sintomas de características hiperativo/compulsivo, P2 relatou: “ele grita, chama a atenção, soca as paredes e procura outras atividades diferentes das que o professor está aplicando”. Com base nos estudos realizados, percebemos que a professora traz em seus relatos algo referente ao comportamento de seu aluno que ainda não foi mencionado por autores que discutem os sintomas da impulsividade, pois, de acordo o DSM-5 (2014), a impulsividade define-se enquanto atitudes impensadas e repentinas, visto que a criança frequentemente dá respostas precipitadas antes da pergunta ter sido concluída, tem dificuldade para aguardar a sua vez, interrompe ou intromete-se na conversa dos outros. Porém, para Cypel (2007) a hiperatividade tem como característica principal a atividade

motora excessiva, identificando a impulsividade como presença de comportamentos impensados e repentinos, resultado dos reflexos de reações precipitadas.

Relação professor/ aluno com TDAH

A respeito da relação professor e aluno com TDAH, indagamos: como você se relaciona com o aluno com TDAH e ele com você? P4 ponderou que “o relacionamento precisa ser estudado, você precisa ter conhecimento com esse aluno. A minha relação com esse aluno era a melhor possível, necessita paciência, amor, carinho, afeto, respeito, entender o aluno e seu comportamento”. P3 relatou que “a relação com o aluno foi muito boa, é uma criança amorosa, estive o tempo todo perto dela e dei o máximo de atenção, tudo que eu pude fazer por ela eu fiz, nossa relação foi muito boa”. P2 disse: “ótimo, somos amigos, mas nas aulas é difícil fazer com que ele preste atenção.”

Desse modo, observamos que essa relação de amizade e respeito por parte do professor em relação ao aluno com TDAH interfere de maneira favorável no processo de ensino/aprendizagem, pois, como aborda Pereira (2006), a escola é a primeira instância fora do âmbito familiar, local em que a criança convive com os seus pais, compartilha experiências, possibilitando evidências de seus problemas intencionais e condutas.

Em relação às estratégias adotadas por cada um dos entrevistados para trabalhar com o aluno com TDAH incluído na sala de aula, P3 descreveu: “eu coloco essa criança na frente, sempre trabalho com a ludicidade, estou sempre dando atenção, fazendo as intervenções necessárias nas atividades desenvolvidas, não trabalho com atividades muito cansativas”; P4 sugeriu: “fazer um planejamento com atividades diferenciadas, ter paciência com o aluno, pois muitas vezes o mesmo não conseguirá resolver as atividades propostas”; em contrapartida, P2 colaborou relatando:

Colocar ele mais próximo, deixar ele tomar algumas responsabilidades, fazer com que ele se sinta importante, mostrar para ele que consegue, e o amadurecimento também é importante porque tem alunos que em um ano é de um jeito e no outro já vai mudando.

Nessa perspectiva, notamos que as respostas vão além de algumas ideias referentes à aprendizagem desses alunos, pois, conforme Barkley (2008), os comportamentos relacionados ao TDAH implicam o baixo desenvolvimento educacional das crianças afetadas por esse transtorno, já que o seu comportamento dificulta a relação professor e aluno, uma vez que a

falta de atenção e a inquietação persistem no momento da aplicação de conteúdos e na exigência das atividades pedagógicas prescritas pelo professor. Portanto, as estratégias referidas pelas professoras possibilitam condições para que o aluno diminua a inquietação e tenha condições de resolver as suas atividades mantendo o foco e aprendendo de forma prazerosa e madura. Por outro lado, Garrido, Rubio e Ferrer (2014) relatam que, de modo geral, alunos com TDAH são mais propensos a enfrentar problemas acadêmicos, dificuldades de aprendizagem e rejeição social entre os colegas. A frequência e a veracidade de manifestações que são vistas diariamente no contexto das escolas implicam negativamente a dinâmica da sala de aula, podendo prejudicar a aprendizagem dos alunos.

Ao serem arguidos sobre qual o papel do professor na escolarização de alunos com TDAH, P2 ressaltou que “é importantíssimo, se o professor segue as orientações passadas”; P3 acrescentou: “o professor é fundamental, este precisa estar preparado para desenvolver um bom trabalho com essa criança, o professor tem que buscar novos desafios”; frente a essa mesma proposta, P1 sugeriu: “buscar atividades que melhore o desempenho dessa pessoa que apresenta esse transtorno”, P5 argumentou que “muitas vezes e para muitos, o professor é a oportunidade para o desenvolvimento educacional desses alunos, visto que muitos pais não sabem lidar com tal situação”; não obstante, P4 disse que “o professor é muito importante, mesmo não dando diagnóstico é ele que faz relatórios sobre o aluno, observa e passa a ter conhecimento sobre aquilo”.

Dessa forma, vimos que tais compreensões não se distanciam do pensamento que é necessário ter conhecimento para saber lidar com esses alunos, pois, como aborda Zanotto (2004), os professores necessitam de um vasto conjunto de conhecimentos científicos sobre o mundo físico-social e sobre o comportamento humano de modo a responder de forma eficiente. Sobre isso, observamos que o professor estabelece várias regras para o grupo de alunos, porém questionamos se essas regras valem também para alunos com TDAH?

Sobre como é a relação dos alunos com TDAH e seus pares/amigos? P1 manifestou-se: “esses aspectos de impulsividade, de isolamento, às vezes, ele fica mais isolado e não interage e, outras vezes, ele interage”; P2 relatou que “isso é relativo, alguns se dão bem e ajudam, outros não se importam e acabam perturbando ele”; por sua vez, P3 disse: “com os colegas, essa criança não interagia muito, ficava muito retraída, quase não conversava e se sentia inferior aos outros”, mas, diferente disso, P5 relatou que “eles são hiperativos, conversam muito, inquietos, geralmente fazem amizades duradouras”

Frente a essas vivências, percebemos que as experiências desses professores com alunos que apresentam sintomas de TDAH fazem jus ao que vem sendo discutido pelos autores que se debruçaram a estudar sobre o comportamento dessas crianças, pois, para Magalhães; Rodriguez e Fagundes (2018), o TDAH é o transtorno neurobiológico do desenvolvimento, mais comum na infância, afeta muitas áreas da vida de uma criança, podendo comprometer a forma como elas fazem e mantêm amigos, ponderando que alguns dos problemas que podem surgir ao fazer amizades são a impulsividade e a inquietação. As crianças com TDAH podem apresentar um comportamento imprevisível, provocando medo em seus colegas, em sua companhia.

Considerações finais

Com base nos dados coletados, os estudos demonstraram que os professores participantes da pesquisa têm conhecimento acerca do TDAH e demonstram interesse em aperfeiçoarem-se para saber lidar com os seus alunos acometidos com esse transtorno, uma vez que percebemos que a relação professor/aluno dá-se entre o respeito, o afeto e a compreensão, bem como as suas experiências evidenciam inovação na prática pedagógica, planejamento e conhecimento. Vimos que os professores desdobram-se na busca de soluções que lhe propiciem condições pra lidar com os alunos com TDAH na sala de aula de modo que desenvolva a aprendizagem e interação social desses alunos. Observamos que o contexto da sala de aula se perpassa por possibilidades de relações que beneficiam tanto a aquisição de conhecimento do próprio professor quanto ao desenvolvimento integral do aluno. Nisso, os dados demonstraram que a afetividade existente na relação professor/aluno tem contribuído para a melhoria do desenvolvimento ensino/aprendizagem.

Ademais, no que se refere aos sintomas do TDAH, notamos que os participantes sabem diferenciar cada uma das características básicas, reconhecendo-as em seus alunos, possibilitando identificar quem tem o transtorno, estando aptos a agirem de acordo com cada comportamento apresentado. Compreendemos ainda que os professores possuem habilidades necessárias para lidar com o aluno que apresenta esse transtorno, pois eles reconhecem as suas fragilidades a partir da aproximação e afetividade, portanto auxiliam-nos na aquisição do conhecimento, aplicando atividades diferenciadas que chamam a atenção, são prazerosas e despertam interesse para manter o foco.

Porém, destacamos aqui que a quantidade da amostra é irrisória diante da gama de experiências que perpassam tantos professores no interior das escolas, ao tempo em que destacamos com base em outras pesquisas que ainda existem diversos professores que ignoram o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, tanto que muitos deles não conseguem identificar nem mesmo o significado da sigla (TDAH).

Portanto, para que haja maiores esclarecimentos acerca dos saberes dos docentes diante dessa temática, é necessário que sejam realizadas mais pesquisas desse tipo em conjunto com todo o corpo escolar, bem como é importante que sejam mobilizadas ações esclarecedoras que possibilitem a disseminação desse conhecimento nos espaços escolares.

Referências

ALMEIDA, L. S.; FREIRE, T. **Metodologia da investigação em psicologia e educação**. 5 ed. Braga: Psiquilibrios 2010.

AMARAL, A. B. et al. **A formação do professor para trabalhar com crianças que apresentam diagnóstico de TDAH no ensino fundamental I na rede municipal de ensino de Curitiba**. Revista eletrônica do curso de Pedagogia das faculdades OPET. Dez.20013. Disponível em [HTTP://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n6/ARTIGO-MONICA.pdf](http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n6/ARTIGO-MONICA.pdf). Acesso m 09 Dez., 2018.

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APAa). **Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-V)**. 5. ed. Washington, DC, EUA: APA. 2013^a. Disponível em: <http://dsm.psychiatryonline.org/book.aspx?bookid=556>. Acesso em 10 ago., 2018.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Attention Déficit/ Hiperactivity Disorder**. 2013b. Washington, DC: American Psychiatric Association. Disponível em: [http://www..dsm5.org/Documents/ADHD%20fact%20Sheet.pdf](http://www.dsm5.org/Documents/ADHD%20fact%20Sheet.pdf). Acesso em 10 ago., 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT), NBR 14724.

BARCLEY, R. A. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH): Guia completo e autorização para os pais, professores e profissionais da saúde**. Traduzido por Luís Sergio Roizman. Artmed. São Paulo 2002.

BARDIN, L. L. **Análise de conteúdo**. Edições 70, Lisboa 201.

CYPEL, S. **Déficit de Atenção e Hiperatividade e as funções executivas: atualização para pais professores e profissionais da saúde**. 3^a edição. Lemos editorial, São Paulo 2007.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Editora, 1992.

BIEDERMAN, M. J. F; BRAATEN, S.V; DOYLE, A, SPENCER, T. et al Influence. **Or Gender attention psychiatry clinic**. Am J Psychiatry, 2012.

CALIMAN, L. V. Notas sobre a história oficial do Transtorno do Déficit de atenção/hiperatividade TDAH. **Psicologia, Ciência e profissão** 2010.

CANTWELL, P. **Attention Déficit disorder**: arreview of the past 10. Years. J. Am acad Child Adolesc Psychiatry 1996.

CARDOSO, D. P; MIRANDA, T. G.; SILVA, M. C. P. **Concepção dos professores diante do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade em contexto escolar**: um estudo de caso. Disponível em: repositório. ufba. br. handle.

GARRIDO, J.V.G.; RUBIO, C. G.; FERRER, J. G. Comentários TDAH para professores, um análisis desde los critérios Del DSM-IV-TSi DSM-V. **Revista espanhola de orientationn y psicopedagogia**, v. 25, n. 1, p. 62, 2014. Disponível em: <http://e-spacio.uned.es/fez/view.php?id=bibliuned:revistaREOP-2014-25-1-7040>. Acesso em: 2 jun., 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LANDSKRON, L. M. F; SPERB, T. M. **Narrativa de professores sobre TDAH**: um estudo de caso coletivo. Disponível em: [educare. bruc.com. br>arquivo PDF](http://educare.bruc.com.br/arquivo/PDF) 2017.

LESNOVISK, T. **Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH)**: Epistemologia e impacto. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE MEDICINA DE FAMILIA E COMUNIDADE i SEMINARIO BRASILEITO SOBRE PREVENÇÃO QUATERNÁRIA EM ATENÇÃO PRIMÁRIA `SAÚDE, 12, 2003, Curitiba, 2013. **Anais...** Curitiba, 2013. Disponível em [http://www.aprmfc.org.br/index... php/aulas-emateriais?download=19](http://www.aprmfc.org.br/index...php/aulas-emateriais?download=19): thais.lesnoviski--tdah. Acesso em 10 jan., 2019.

MAGALHÃES, T. C; FAGUNDES, D. D. A. F; DIAZ-RODRIGUEZ, F. Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade: o que sabem o professores? In: CONGRESSO BAIANO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA E II SIMPÓSIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 4. 2014, FACED. UFBA: Salvador, 2014. ISSN 23583053.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 6. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2001.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2005.

KAPLAN, H. I; Sadock BJ. Grebb JÁ. **Compendio de psiquiatria**: Ciência do comportamento e psiquiatria clínica, 7. ed. Artmed. Porto Alegre 2003.

NOGUEIRA, C. M. **A história da deficiência**: Tecendo a história da assistência à criança deficiente no Brasil. Dissertação (Pós-graduação de Mestrado) UERJ. Rio de Janeiro 2008

ROHDE, L, A; HALPERN, R, Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: Recentadvancesonattention déficit /hiperractivitydiscorder. **Jornal de pediatria da sociedade brasileira de pediatria** 2004.

BARKLEY, R; ARTHUR. D. Anastopouloset al. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade**: Manual para diagnóstico e tratamento. 3. ed. Artmed. São Paulo 2008.

ROSSI, L. R; RODRIGUES, Olga Maria Prazuntin Rolin. **Concepções do ensino eundamental sobre TDAH**. Scielo Books. Disponível em <http://books.Scielo.org>. Acesso em 10/ jan., 2018.

SILVA, A. B. B **Mentes inquietas - entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, Impulsivas e Hiperativas**. São Paulo 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S; **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. Atlas São Paulo 1987.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Elivânia Barbosa Oliveira

Graduanda em Pedagogia. Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Grupo de Estudos Multidisciplinares em Educação, Psicologia e Administração - GEMPA; Bolsista de Iniciação Científica; E-mail: enf.liva@outlook.com

Terezinha Camargo Magalhães

Doutorado em Educação. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) - Lisboa-Portugal/ Revalidado UNICAMP; Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Grupo de Estudos Multidisciplinares em Educação, Psicologia e Administração - GEMPA; E-mail: tecamargo10@gmail.com